RECENSÃO

O crítico emancipado

JUNHO 16, 2015

RUI PINA COELHO

DANIELE ÁVILA SMALL, O CRÍTICO IGNORANTE

1 COMENTÁRIO

A APCT, no âmbito do FITEI 2015, em colaboração com a ESAP – Escola Superior Artística do Porto, organizou o Encontro Ainda Festivais? Pensar um festival para agora, com o intuito de apresentar e discutir alguns modelos de relação entre a organização de festivais e a crítica de artes performativas. Este encontro foi encerrado com o lançamento do livro da crítica e investigadora brasileira Daniele Ávila Small, *O crítico ignorante: Uma negociação teórica meio complicada* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015). Fica aqui a apresentação desta importante obra sobre crítica de artes performativas:

Ignorante é um termo que não é propriamente desconhecido dos críticos de teatro. Somos muitas vezes chamados de ignorantes. Mas nunca, creio, com o sentido que lhe dá Daniele Ávila Small. Com efeito, o ignorante desta obra de Daniele é herdado de *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*, do pensador francês Jacques Rancière, onde trata da história de Joseph Jacotot e da criação do seu subversivo método de ensino na Europa do século XIX: o Ensino Universal.

Nesse livro, Rancière, ao acompanhar a trajectória do pensamento da Jacotot, "faz uma reflexão crítica sobre os pressupostos básicos da pedagogia no Ocidente e sobre como esses pressupostos reflectem também a organização do mundo ocidental de um modo geral: a divisão dos poderes, dos saberes e dos dizeres da sociedade em que vivemos", explica Daniele Ávila Small, descobrindo nesta obra razões bastantes para justificar a sua relevância no pensamento sobre crítica de teatro.

Rancière relata como Jacotot, exilado na Holanda em 1818, se deparou com um grupo de alunos a quem deveria ensinar francês. Sem falar holandês, o diálogo entre professor e alunos revelou-se verdadeiramente difícil. Resolveu então usar então uma edição francesa de *Télémaco* e deixou que os alunos aprendessem sozinhos tentando adivinhar o francês por comparação com a sua própria língua. Neste processo de aprendizagem, o mestre é então dispensado como explicador de um conhecimento que é sua propriedade. Sumariza Daniele Ávila:

Neste método, o professor não ensina o que sabe, ele ensina o mecanismo de aprender. Ele não é ignorante porque nada sabe, mas se coloca como ignorante porque está disposto a ignorar o que sabe para que o aluno possa aprender por si mesmo. O que ele ignora é a desigualdade. O conhecimento do professor não é um limite nem uma meta para o aluno.

É neste processo emancipador que Daniele situa a crítica de teatro e, em particular, o papel do crítico ignorante. Este deve comportar-se como o Jacotot, o mestre ignorante de Rancière. Assim, o crítico ignorante opõe-se ao crítico explicador, que é o crítico distraído, o crítico retórico, o crítico embruteecedor. Explica Small:

O crítico explicador é aquele que reduz a voz da crítica à "agregação material do consentimento" quando constrói um discurso plano, sem arestas, com o objectivo de produzir uma fala adequada à compreensão do chamado leitor médio. Esse leitor médio é uma abstracção criada a partir de uma ideia de preponderância seja um achatamento das inteligências e, consequentemente, uma redução da inteligência do outro.

O crítico ignorante é, por oposição, o crítico razoável, poético, emancipador. É um crítico que se insereve numa "conversa de homens" e não num "diálogo de sábios".

Assistir a um espectáculo é um acto intelectual. Falar sobre um espectáculo é um acto intelectual. Não se trata de exigir do espectador uma "performance crítica" [...]. A performance fica por conta do domínio e do manejo dos saberes. A emancipação diz respeito à aventura intelectual, ao processo de investigação, descoberta, ou seja, diz respeito à vontade e curiosidade, não aos saberes. É nesse sentido que cabe aplicar o princípio de Jacotot à crítica de teatro.

O trabalho de Daniele é de manifesta originalidade, mobilizando um aparato teórico muito singular e oferecendo uma combinação de leituras muito estimulante. Assim, se nos dois primeiros capítulos ("O mestre ignorante: uma aproximação entre as noções de pedagogia de Joseph Jacotot e a crítica de teatro" e o capítulo dois, "Uma relação desigual: o princípio da desigualdade na relação com o espectador"), o diálogo crítico é estabelecido preferencialmente com Rancière, onde encontramos uma discussão de *O mestre ignorante, O espectador emancipado* ou *A partilha do sensível*, o terceiro capítulo ("Censura e emancipação: polaridades na ideia de crítica") tem a particularidade de resgatar do esquecimento um autor menos "sexy" como o marxista Terry Eagleton e o seu seminal *A função da crítica*, uma obra cada vez mais essencial para percebermos o lugar da crítica num mundo onde a esfera pública tem sofrido mutações terríficas.

Nesta obra, Terry Eagleton faz um estudo da crítica na Inglaterra do século XVIII ao XX, defendendo que a crítica moderna nasceu da luta contra os absolutismos e argumentando que, se na actualidade a crítica não se dedicar á luta contra o estado burguês, não terá futuro (24). O ponto de Daniele é que a oposição entre crítico explicador e o crítico ignorante é algo que remonta à origem da própria crítica e não algo específico da situação actual da crítica. A dimensão política desta discussão é óbvia e tremamente pertinente, sobretudo num momento em que a crítica luta, um pouco por todo o lado, pela sua própria sobrevivência.

Ainda neste capítulo é também convocado Reinhardt Koselleck, de *Crítica e crise*, onde se argumenta que o contexto histórico em que a crítica surgia se trata de uma mutação na consciência dos homens na Europa do século XVIII: "com a crise do sistema absoluto, o súbtito descobre-se cidadão". Uma questão eminentemente política, portanto.

No seguimento desta discussão, no último capítulo ("O crítico ignorante e o ensaio como forma"), com particular relevância se atendermos que a crítica de artes performativas tem vindo a tentar encontar alternativas viáveis aos suportes tradicionais – e nenhuma ainda com a amplitude dos suportes generalistas – Daniele Ávila Small encontra poderosos aliados em Theodor Adorno e Georg Lackács (os de "O ensaio como forma" e "Sobre a essência e a forma do ensaio – uma carta para Leo Popper", respectivamente), para "pensar como a crítica ensaística – e não necessariamente aquela cicsunscrita ao universo académico – pode ser vista como uma possibilidade para contrariar o discurso que anuncia a falência da crítica teatral e para dar conta daquele deficit de produção e circulação de conteúdo teórico sobre teatro".

O tema será prolixo e motivará muitas discussões. Mas um dos aspectos mais francos desta obra é não querer instituir-se como uma alternativa a um qualquer modo tradicional; ou como a criação de uma verdadeira crítica, ou de uma crítica mais moderna, ou de uma crítica mais avisada, profunda, correcta, etc. Pelo contrário, esta crítica ignorante apresenta-se com a humildade de ser apenas "um quadro de possibilidades, um conjunto de apontamentos para o exercício da crítica de teatro na actualidade, uma negociação teórica que quer encontrar uma via prática, mas que não se pretende uma nova norma".

O crítico ignorante é, portanto, uma obra que é, simultaneamente, uma autoprovocação – de uma crítica para uma crítica: "uma forma de confronto com as ideias de Rancière" – determinantes na formação de Daniele e na estruturação do seu pensamento sobre artes cénicas – e, ao mesmo tempo, o trabalho de uma autora profundamente conhecedora do dia-a-dia de um crítico de artes performativas no século XXI. Mas é também uma obra que atesta a enorme tentação pela meta-crítica que tem pautado o discurso crítico nos últimos anos e que – um aspecto que me entusiasma particularmente – é uma obra onde se descobre um entusiasmo contagiante pelos discursos utópicos do século XIX, discursos sobre a sociedade e sobre o saber. Sobre o viver em comunidade, em suma.

De uma forma muito original e desafiadora, Daniele Ávila Small consegue a habilidade de fazer desta "negociação teórica meio complicada" um livro de leitura muitíssimo agradável, inteligente, bem humorado, pertinente, com argumentos muito esclarecedores; uma obra muito clara, de inegável propensão didáctica e que ajudará muitos críticos a tornarem-se, felizmente, mais ignorantes.

PARTILHAR ISTO:

Twitter Facebook

Gostar

2 bloggers like this.

"DO QUE UM HOMEM É CAPAZ" (UM INIMIGO DO POVO)

CONVERSAS NO AR, NO FITEI

One thought on "O crítico emancipado"

JORGE LOURAÇO FIGUEIRA diz:

Reblogged this on Crítica e Dramaturgia.

Gostar

JUNHO 16, 2015 AT 15:34 | RESPONDER

Deixe uma Resposta

Insira aqui o seu comentário...

Site no WordPress.com.

Seguir